

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
VANESSA ALVES PEREIRA  
(ORGANIZADORES)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
VANESSA ALVES PEREIRA  
(ORGANIZADORES)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar



Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
 Elisângela Maura Catarino  
 Vanessa Alves Pereira

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
R332	<p>Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia            2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação,            Elisângela Maura Catarino, Vanessa Alves Pereira. –            Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-873-1            DOI 10.22533/at.ed.731211103</p> <p>1. Filosofia. 2. Reflexão. I. Purificação, Marcelo Máximo            (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora).            III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título.            CDD 101</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, trazemos até vocês o livro - Reflexão sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia 2. Uma obra multicultural que reúne textos de autores de diferentes regiões e instituições do Brasil, bem como, um trabalho de pesquisadores colombianos. O objetivo do livro é promover o diálogo e a reflexão filosófica, bem como a articulação entre pesquisa e pesquisadores. A leitura filosófica está viva e inclui temas como: ética, razoabilidade, crença religiosa, condição humana, violência e humanidades.

O livro é composto por 15 artigos, tendo no centro as discussões e interface de vários teóricos do campo de filosofia e áreas afins. Dentre eles podemos citar: Max Weber que intensifica o discurso sobre a racionalização do trabalho na sociedade capitalista moderna - Pirre Hadot, que contribuiu para o texto “A filosofia como exercício espiritual” - Pedro Laín Entralgo como dispositivo teórico no texto – “O que é homem? Do ponto de vista antropológico filosófico (...)” -, Hannah Arendt a partir de um discurso pautado na condição humana -, Kant e Rousseau, na perspectiva da educação das crianças, entre outros.

Nos textos desta obra, “a linguagem é versada em metáforas e retórica, e desta forma heterogênea a escrita filosófica é usada de forma consciente ou inconsciente”. A obra é um convite a uma imersão no mundo do conhecimento e da sabedoria, imbuído de “discursos”, “reflexões” e “questões filosóficas”. Diante o exposto, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Vanessa Alves Pereira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A ÉTICA DE LAO ZI E CONFÚCIO: REFLEXÕES SOBRE O FAZER EM SAÚDE E A NATUROLOGIA

Mirella Guimarães Pedroso

Ana Claudia de Leite-Mor

**DOI 10.22533/at.ed.7312111031**

### **CAPÍTULO 2..... 15**

A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Renato Somberg Pfeffer

**DOI 10.22533/at.ed.7312111032**

### **CAPÍTULO 3..... 25**

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Anna Paula Fernandes Zanoni

**DOI 10.22533/at.ed.7312111033**

### **CAPÍTULO 4..... 38**

A RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA EM MAX WEBER

Maria Jorge dos Santos Leite

**DOI 10.22533/at.ed.7312111034**

### **CAPÍTULO 5..... 48**

A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE PIRRE HADOT

Marcelo Gabriel de Freitas Veloso

**DOI 10.22533/at.ed.7312111035**

### **CAPÍTULO 6..... 55**

BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL

Nathan D'Avila Silva

Keberson Bresolin

**DOI 10.22533/at.ed.7312111036**

### **CAPÍTULO 7..... 63**

LA FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIDA EN PERSPECTIVA DE PIERRE HADOT

Adriana Obando Aguirre

**DOI 10.22533/at.ed.7312111037**

### **CAPÍTULO 8..... 71**

¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

Adriana Obando Aguirre

**DOI 10.22533/at.ed.7312111038**

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCEM DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA	
Nosta da Graça Mandlate	
Tancredo Tercílio Tivane	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7312111039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>94</b>
O NILISMO E O PROBLEMA DO VALOR	
Roberto Carlos de Andrade Júnior	
Robson Costa Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.73121110310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>104</b>
PENSAR O QUE ESTAMOS FAZENDO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA LEITURA DA OBRA <i>A CONDIÇÃO HUMANA</i> DE HANNAH ARENDT	
Thainá dos Santos Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.73121110311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>112</b>
PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU	
Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.73121110312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS	
Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.73121110313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>147</b>
SERIA O MEU TRABALHO DE PERFURADORA CORPORAL, A PRIMEIRA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?	
Renata Ribeiro Costa Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.73121110314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
HUMANIDADES E FILOSOFIA: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO E CRÍTICO	
Jovany Arley Sepúlveda Aguirre	
Luis Fernando Garcés Giraldo	
Conrado Giraldo Zuluaga	
Felipe Jaramillo Vélez	
Juan Esteban Alzate Ortiz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.73121110315</b>	

<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>161</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>163</b>



# CAPÍTULO 13

## SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 05/02/2021

**Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho**

Universidade do Vale do Rio dos Unisinos, dep.  
de Filosofia  
São Leopoldo, RS  
<http://lattes.cnpq.br/9945199347393986>

**RESUMO:** A compreensão da capacidade humana de *ler mentes* é um assunto de fundamental interesse para duas disciplinas: a Ciência Cognitiva e a Filosofia da Mente. A definição ler mentes é entendida como a capacidade de prever e explicar comportamentos, questão fundamental da chamada Psicologia Popular (*Folk Psychology*). Esse artigo apresenta uma comparação entre dois autores sobre a capacidade cognitiva em bebês (3 a 15 meses), para, posteriormente, fazer uma correlação com dois conceitos em Psicanálise. Em primeiro lugar, procuro esclarecer o que vem a ser *Folk Psychology*; em segundo lugar, apresento os estudos de Paul Bloom do livro *O que nos faz bons ou maus*, o qual infere a possibilidade de uma moralidade nos bebês e, em seguida, recorro ao livro *The Child's Theory of Mind*, de Henry Wellman, o qual aborda outras possibilidades de entendimento da cognição em bebês. Por fim, relaciono a Teoria da Mente em Bebês com o conceito de *Insight*, de Freud, e trauma, de Ferenczi. A conclusão desta pesquisa é a de que os bebês predizem e inferem comportamentos

dos outros de forma muito similar aos adultos. A constatação da possibilidade de conhecimento empírico em tenra idade vai ao encontro de teorias epistêmicas, bem como à psicanálise, que compreende parte do processo de cura como o resgate das crenças da criança que no adulto habita.

**PALAVRAS - CHAVE:** *Folk Psychology*. *Insight*. Leitura da Mente. Psicanálise. Trauma. Yes, we read minds since babies.

### YES, WE READ MINDS SINCE BABIES

**ABSTRACT:** The understanding that human ability to read minds is a subject of interest to two disciplines: Cognitive Science and Philosophy of Mind. The definition of reading Minds is understood as the ability to predict and explain behaviors, a fundamental issue of the so-called Popular Psychology (*Folk Psychology*). This article presents a comparison between two authors about the cognitive capacity in babies (3 to 15 months), to later make a correlation with two concepts in Psychoanalysis. Firstly, I'd like to clarify what exactly is *Folk Psychology*, secondly, to present Paul Bloom's studies from the book *Just Babies: The Origins of Good and Evil*, which infers on the possibility of morality in babies. However, I'd like to mention Henry Wellman's book *The Child's Theory of Mind* which addresses other possibilities for understanding cognition in babies. Finally, I relate the *Theory of Mind in Babies* to the concept of insight from Sigmund Freud and trauma from Sándor Ferenczi. This research concludes that babies predict and infer the behavior of others in a very similar way to adults. Babies start to understand the world without being able to name

their knowledge by language, but it is this functioning that will guarantee new knowledge in the later stages because it was formed where there was no language for speech, but other types of language. The possibility of empirical knowledge at an early age is in line with epistemic theories, as well as with psychoanalysis, which comprises part of the healing process as the rescue of the child's belief that lives in the adult.

**KEYWORDS:** Folk Psychology. Insight. Mind Reading. Psychoanalysis. Trauma.

## 1 | INTRODUÇÃO

Não nascemos adultos, vamos crescendo e mudando a nossa forma de nos relacionar com o mundo. Aos poucos, temos que perceber o outro, não necessariamente a mente do outros, sua consciência, aquilo de que se passa dentro da mente, mas vamos percebendo, de diferentes maneiras, estados mentais dos cuidadores, como os pais ou aqueles que nos acolhem. Frente às possibilidades do comportamento humano, por vezes, somos tão transparentes que não é necessário nenhum malabarismo intelectual para inferir emoções e prever um comportamento adequado à situação, bastando apenas uma certa empatia. Salvo exceções, as quais estudos de psicopatologia caracterizam-nas como graus de psicopatia, o indivíduo consegue esconder emoções, encobrendo-as ou convertendo-as em outras, sem qualquer preocupação moral. Podemos inferir que, enquanto bebês, já temos instrumentos cognitivos de percepção do outro? Há alguma forma particular de leitura da mente, mesmo sem a linguagem? Se existe, pode determinar a maneira como nos relacionamos com o mundo?

Para este artigo, faço uma busca teórica desenvolvida pela chamada Psicologia Popular (Folk Psychology) denominada Teoria-Teoria (The theory-theory), que afirma que possuímos uma capacidade natural de ler mentes, possibilitada por uma teoria do comportamento humano estabelecida em nosso cérebro. Para esse tema, busquei autores que fundamentam, a partir de pesquisas empíricas em bebês, a capacidade de percepção de intenções, crenças e desejos neles e nos outros. Se essa possibilidade existe, a de perceber estados mentais, e se realmente possuímos essa faculdade, sua origem está em algum período de maturação cognitiva de nossa natureza humana.

Na primeira parte deste artigo, busco o esclarecimento do que vem a ser Folk Psychology, buscando-o em diferentes fontes. Na seção seguinte, apresento duas visões diferentes sobre os avanços da pesquisa da teoria da mente em bebês, primeiramente, por Paul Bloom (2014), no livro *O que nos faz bons ou maus*, que enfoca a possibilidade de uma moralidade nos bebês desde tenra idade. Já no livro *The Child's Theory of Mind*, de Henry Wellman (2014), a abordagem é a da forma como os bebês interagem no e com o mundo desde cedo.

A finalidade deste artigo é o de fazer um pequeno paralelo entre duas pesquisas que aprofundam a forma como nós seres humanos, desde bebês, adquirimos conhecimentos fundamentais. Após essa apresentação, apresento uma abordagem de teorias da psicanálise

que refletem essa percepção dos pesquisadores. Não seria um exagero inferir que ir ao encontro de como os bebês percebem o mundo é uma busca da origem da epistemologia, a de uma busca possível da origem do conhecimento, discussão permanente nesse campo de pesquisa.

## 2 | FOLK PSYCHOLOGY

O significado de Psicologia Popular na Filosofia difere do da Psicologia. Para a Filosofia, este conceito é utilizado na filosofia da mente e no campo da ciência cognitiva, a qual também, por vezes, é encontrada como *psicologia do senso comum*. Para a Psicologia, é nominado como *teoria da mente*, ou *psicologia ingênua*. Quanto ao sentido do termo, há diferentes compreensões. Pode ser compreendida como a capacidade cognitiva de prever e explicar comportamentos; na teoria do comportamento representada no cérebro; em estudos associados a David Lewis (RAVENSCROFT, IAN, 2016).

É importante a classificação de psicologia ingênua dada pelos próprios psicólogos para diferenciá-la da psicologia científica. Araújo (2001, p. 50) aponta essa necessidade de diferenciação das definições de psicologia. Defende que há uma concepção muito restrita da *folk psychology*, resultando num *equivoco ontológico* frente à natureza do objeto de pesquisa da psicologia. Todavia, o autor ressalta que a natureza do objeto da psicologia carece de uma definição mais objetiva do que venha a ser a ciência da vida mental, porque essa definição não é consensual dentro da Psicologia. Se o objeto de estudo da Psicologia não possui clareza, logo, pode ser absorvido por outras ciências, devido a uma indefinição de seu estatuto ontológico dos fenômenos mentais. Uma ameaça à psicologia, segundo Araújo (2001, p. 45), é a da possibilidade dos estudos da neurociência realmente evoluírem a um alto nível de compreensão das faculdades cognitivas. Nesse caso, restringiria o ser humano a conexões neurais usando como base um entendimento não adequado da Psicologia. O autor reivindica a necessidade de definição teórica do que vem a ser a *folk psychology*, para evitar que o modelo simbólico da mente proposicional defendido pelos que criticam a *folk psychology*, bem como, daqueles que a defendem, seja mais claro. O modelo proposicional a que se refere Araújo é o de um vocabulário baseado em palavras de muita simplicidade que remontam a ações mentais reais, em crenças e desejos dos agentes. Por exemplo, se X fizer isso, acontecerá Y – desejo; se X acredita em L, então L – crença. Essa abordagem é o *realismo intencional* de Fodor, segundo Araújo (2001, p. 49), a de que todos nascemos *mentalistas* e *realistas*. A partir desta abordagem simplista de uma psicologia periférica, elegem-se categorias psicológicas que já estão pulverizadas no senso comum: crença, desejo, medo, esperança, dor, etc., o que, no entendimento de Araújo, não condiz com os estudos especializados da psicologia científica.

O surgimento dos termos usados na psicologia popular, ou do senso comum, teve início com David Lewis, embora ele não tenha se referido a essa abordagem semântica

com a denominação de psicologia popular (RAVENSROFT, IAN, 2016). Lewis baseia seu estudo a partir de uma teoria funcionalista dos estados mentais, qualificando sua abordagem sobre a teoria sobre os termos. A teoria consiste no uso de uma terminologia adequada ao conteúdo teórico vinculando-a à teoria da mente, ou melhor, aos estados mentais que aparecem no meio social. A discussão dos termos teóricos retoma a dificuldade da definição de termos teóricos iniciada por Ramsey (LEWIS, 1970, p. 427), que é o da percepção de que há uma diferença de significação entre *termos teóricos* e *termos observáveis*. Observável é aquilo que podemos deduzir a partir de uma análise mais concreta da realidade, medindo e calculando, por exemplo, a quantidade de maçãs vermelhas *versus* maçãs verdes. Já os termos teóricos são mais difíceis de terem um significado compreensível dentro de uma teoria. Lewis (1970, p. 428) propõe uma alternativa, a de que não deveria haver diferenças ontológicas entre entidades *observáveis* e *teóricas*. De uma forma resumida, para compreensão da manobra feita por Lewis, ele separa o entendimento de termos antigos (existentes) como *O-terms*, enquanto que os termos novos são os *T-terms*. Os termos antigos podem pertencer a qualquer categoria semântica ou sintática desejável, desde que se possa o entender. Esses termos irão sustentar o *T-terms* por serem entidades que tenham certas relações entre si. Portanto, não são entidades novas que compõem o *T-terms*, mas derivadas, quando houve a declaração de *O-terms*. Logo, não há uma exclusividade na definição do termo, quer seja ele teórico quer seja observável. Ao transpor esta teoria dos termos para uso por pessoas comuns, quando relacionadas a uma suposta sabedoria popular de estados mentais, Lewis quer propor uma relação causal de estados mentais. A construção destes termos se daria pelo conjunto de *banalidades* reunido (*O-terms*), o qual formaria o termo (*T-terms*), que tem origem na linguagem popular. Entretanto, o conhecimento popular não possui um consenso. Houve essa tentativa teórica de formulação da origem dos termos usados na psicologia popular, como, por exemplo, pensar, sentir, amar, desejar, crer, etc., que identificam comportamentos humanos que damos uns aos outros, que, no entendimento da psicologia popular, é uma maneira de afirmar a leitura da mente.

A definição basilar da psicologia popular (RAVENSROFT, IAN, 2019) é a capacidade humana da leitura da mente, possível graças a um conjunto de capacidades cognitivas que se aproximam e quase se confundem: a de prever o comportamento humano; a de atribuir estados mentais; e a de explicar o comportamento humano derivado de estados mentais. As discussões sobre a capacidade humana dos seres humanos lerem somente mentes de outros seres humanos, ou de que animais possam ler mentes humanas, são interessantes de serem mencionadas. Quando dizemos “o computador está pensando” ou o “cachorro está esperando” há uma afirmação de estados mentais a seres não humanos. Por outro lado, não temos como afirmar que animais não predizem comportamentos humanos, ou que predizem, embora inúmeras experiências relatem que sim, logicamente com limitações. Por exemplo, temos os famosos macacos que foram para o espaço Albert

I, Albert II e o chimpanzé Ham, que foi recrutado entre 40 outros após inúmeras avaliações. Frente à limitação teórica de que só os seres humanos podem fazer a leitura da mente de outros humanos, é importante definir que, ao executar essa tarefa cognitiva, se vai além de apenas fazer a leitura da mente, como também prever e explicar comportamentos; prever e explicar estados mentais; especular, discutir, recordar e avaliar disposições de determinados comportamentos e estados mentais, considerando, assim, traços de caráter. Por fim, é importante notar que leitura de mente já é um termo da psicologia popular, que, ao exemplo das formulações de Lewis, reúne conceitos para distinguir o que seja a leitura da mente e que ela não se daria apenas de humanos para humanos, como de humanos para máquinas e de animais para humanos. De forma prática, psicologia popular é uma forma humana natural de identificar comportamentos, e nominá-los, seja mentalmente seja falando, sem recorrer a um laboratório com ferramentas altamente sofisticadas para analisar qual parte do cérebro é responsável por esta ou aquela ação que o sujeito fez ou irá fazer.

A área de pesquisa nesse artigo, dentro da abordagem de leitura da mente na psicologia popular, está baseada na Teoria-teoria (*The theory-theory*), que compreende a leitura da mente como uma atividade mental teórica. É como se tivéssemos acesso a um conteúdo de comportamento humano dentro do cérebro quando fazemos a leitura da mente. Dentre as várias pesquisas sobre este assunto, esse artigo explora a identificação desse fenômeno da psicologia popular no estudo em bebês e em crianças da pré-escola, tema da próxima seção.

### 3 | BLOOM E WELMAN, MORAL & INTENÇÕES

Paul Bloom, psicólogo e Ph.D em psicologia cognitiva, propõe que possuímos um vestígio de moralidade inata e universal: “(...) certos fundamentos morais não são adquiridos pela aprendizagem. Eles não surgem no colo da mãe, nem na escola ou na igreja; ao contrário são produtos da evolução biológica” (BLOOM, 2014, p. 14). Para saber se realmente essa afirmação é verdadeira, é necessário estudar a mente dos bebês. Suas pesquisas são com bebês a partir dos 3 meses de idade. Antes desta idade, o método utilizado está sujeito a desafios consideráveis, como o fato do bebê permanecer acordado. As experiências foram realizadas no Centro de Cognição Infantil de Yale. O objeto de estudo é observar as reações do *olhar do bebê*, que, segundo os pesquisadores, é atraído para aquilo que lhe chama a atenção e lhe é agradável. Ao que lhe é desagradável, o olhar não se fixa, motivado por uma perda de interesse ou por desconforto, segundo Bloom.

Como um primeiro exemplo, que justificaria uma possível moralidade em bebês, descrevo a experiência com bebês entre 9 até 12 meses. Para o experimento, os bebês ficam, no máximo, 15 minutos, acompanhados pelos pais e, caso não durmam ou fiquem muito agitados, os resultados são coletados. O objetivo do cenário é verificar a

reação dos bebês, seu comportamento frente a uma história com figuras (agentes), na qual há interações, ora como facilitadores ora dificultadores. Os resultados apontaram um comportamento de maior adesão pelos bebês a favor dos agentes que atuam como facilitadores. Para eliminar possíveis equívocos (falso-positivos), houve a troca quanto à forma dos desenhos, cor, brilho e até fantoches foram utilizados. O resultado continuou o mesmo, o de uma grande adesão ao facilitador. O mesmo experimento foi feito com bebês de 3 meses, e, para surpresa de todos, o resultado foi muito próximo. Nessa experiência, além do olhar, também foi possível a observação dos braços dos bebês, colocando os fantoches mais próximos a eles. Após o teste, a adesão dos bebês foi a de aproximação, novamente, ao facilitador e, desta vez, tentando agarrá-los com as mãos. Segundo os pesquisadores, a experiência demonstra um *sensu moral*, ou seja, uma capacidade primitiva de perceber situações desagradáveis e se afastar delas. No entanto, essa definição difere de *moralidade*, que, segundo os pesquisadores, envolveriam questões mais complexas,

Acredito que possuímos, naturalmente, um senso moral e voltarei a este ponto algumas vezes. Mas a moralidade compreende muito mais coisas do que a capacidade de fazer certas distinções. Ela envolve certos sentimentos e motivações, como o desejo de ajudar outras pessoas que se encontram em necessidade, compaixão por aqueles que sofrem, raiva contra os que são cruéis e culpa e orgulho por nossas próprias ações vergonhosas e gentis. Até aqui, levamos em consideração a mente; mas e quanto ao coração? (BLOOM, 2014, p. 33)

Após a análise de um possível e significativo *sensu moral* nato, Bloom (2014) apresenta resultados que tentam responder as necessidades *do coração*, como a compaixão, a empatia, a culpa, a capacidade de ajudar o outro e o orgulho de suas ações. Os resultados apresentados também conferem não só que essas qualidades do comportamento existem em bebês a partir dos 3 meses como também a de perceberem essas qualidades nos outros. A empatia, por exemplo, a capacidade de se colocar no lugar do outro, foi vista em crianças quando frente à dor de um outro bebê, quando evitam, de alguma forma, que a dor volte a acontecer, nos experimentos de laboratório, usando de alavancas para esse resultado. Quando uma criança escuta outra criança chorando por perto, ela também tende a chorar. Comportamento semelhante observado em macacos, conferindo, segundo os cientistas, a separação entre empatia e compaixão. Experimentos também revelaram (BLOOM, 2014, p. 55) nos bebês a capacidade de perceber quando o outro precisa de ajuda, mobilizando-os a tentar ajudar em relação àquela dificuldade. Naturalmente, à medida que a idade avança, as crianças acabam por refinar seu comportamento e se tornam mais seletivas em se tratando de empatia e compaixão.

O professor Dr. Henry Wellman é um psicólogo do desenvolvimento especializado em desenvolvimento cognitivo, que está mais alinhado com a visão dos que defendem a psicologia popular. Em seu livro *Making Minds – How Theory of Minds Develops*, fica claro que a primeira característica analisada nos bebês de até um ano é a *intenção*, percebida



por estudos e experimentos, os quais também fazem o uso da visão como abordagem técnica das interpretações psicológicas,

A teoria da mente descreve nossa ampla compreensão humana dos estados mentais dos agentes, como intenções, desejos e pensamentos, e como a ação é moldada por tais estados. Refere-se à nossa psicologia cotidiana, enfatizando apropriadamente a "leitura da mente" que caracteriza tão fortemente nossas compreensões psicológicas cotidianas do "senso comum"<sup>1</sup>. (WELMANN, 2010, p. 16, tradução nossa, grifo do autor)

As intenções demonstram interpretações psicológicas porque manifestam estados psicológicos como objetivos, o desejo e as intenções de um outro agente, neste caso de atores. Previamente aos testes, é necessária uma habituação ou familiarização do bebê, para que os estímulos durante os testes não provoquem erros nos resultados. Os estímulos visuais servem para calibragem do olhar daquele bebê para o que será considerado estimulante, como também para o que não será, e, assim, um indicador individual passa a ser considerado. Um olhar que é considerado de interesse e outro de não interesse. Embora o olhar seja o indicador principal, o rosto e as expressões também contribuem para análise, mesmo que de forma periférica, ou seja, não são tão relevantes quanto o olhar. Em outros experimentos, se faz o uso do toque, como pegar alguma coisa ou mesmo movimentar uma alavanca, o que contribui para a confirmação dos resultados. No entanto, não é possível de ser aplicada a todas as idades devido à imprecisão do toque dos bebês mais novos. O olhar, portanto, continua sendo o indicador mais eficiente.

É importante, salienta Wellman (2014, p. 173), que a intenção não implica numa ação, a intencionalidade é distinta de outro funcionamento do cérebro, que é a subjetividade. Essa é uma informação importante que será tomada na última seção deste artigo, quando trataremos sobre trauma. A conclusão é a de que, desde pequenos, os bebês já fazem a distinção entre a intenção e a ação. Foi observado que o olhar de um bebê para um adulto implica em que o bebê olhe para onde o adulto está olhando, seja pelo olhar do adulto seja pelo direcionamento da cabeça. Esse comportamento é observado em bebês de 8 e 9 meses de idade. Já com 12 e 14 meses, os bebês não só acompanham o olhar, como também se movem na cadeira, na cama, onde estiverem, para olhar para o que os adultos estão olhando. O bebê busca o olhar do adulto, e percorre o caminho e o objeto de atenção do adulto para si. Wellman (2014, p. 92) conclui que os bebês percebem intenções nos agentes pela demonstração de seus objetivos, vinculando esta capacidade intencional de que os bebês percebem desejos e emoções, logo, percebendo estados intencionais. Mas é importante salientar que há a percepção do desejo sobre determinada ação, mas não se tem uma noção de quais são as implicações da ação. Logo, é uma percepção intencional um tanto rudimentar a de percepção relacionada ao desejo, segundo o próprio Wellman.

<sup>1</sup> "Theory of mind describes our wide-ranging human understanding of agents' mental states such as intentions, desires, and thoughts and how action is shaped by such states. It refers to our everyday psychology, appropriately emphasizing the "mindreading" that so strongly characterizes our everyday, "commonsense" psychological understandings."

Explicando de outra forma, se o adulto, por exemplo, intenciona brincar com o fogo, o bebê não sabe o que vai acontecer, e há diversas possibilidades na ação, como se queimar, queimar algo, apagar o fogo.

Todavia, ainda sobre o olhar pelo qual seja possível prever intenções, desejos e comportamentos; há a questão da crença-falsa. Há uma clássica experiência de Wimmer e Perner (1983, p. 110) em que um objeto é colocado dentro de uma caixa por um agente “A” e essa ação é observada por “B”. Logo após “A” sair da sala, o agente “B” troca o objeto para uma outra caixa. Quando “A” retornar à sala, em qual caixa ele irá buscar o objeto? As crianças entre 3 e 4 anos, que passam pelo experimento (como “B”), indicam a caixa equivocada, a nova caixa. Este estudo foi repetido inúmeras vezes em países distintos, para diferentes idades e constatou-se que a pergunta não estava adequada. Quando a pergunta foi feita de outra forma, a quantidade de resultados certos aumentou consideravelmente. Concluiu-se, que há pré-requisitos que contribuem para um resultado adequado à experiência, como o fator linguístico, a classe social e outros. Essa experiência inicial, embora tenha derivada tantas outras, não pode ser mais dada como basilar para a questão de crenças-falsas para crianças pré-escolares.

(...) considera que o insucesso nas tarefas de crença falsa não é decorrente de uma mudança conceitual ou de uma primazia dos desejos sobre as crenças ou mesmo de implicações linguísticas. Dias tem como objetivo observar as implicações das condições socioeconômicas na habilidade das crianças para compreenderem os estados mentais dos outros. Com esse propósito, analisa crianças brasileiras de orfanatos, crianças de nível socioeconômico baixo, e médio. (JOU e SPERB, 1999)

Quanto à linguagem, a qual implicou na dúvida sobre a verificação das crenças falsas no experimento, ocorreu o acréscimo de uma palavra. A pergunta era “Em qual caixa Fulano irá procurar o objeto?”, quando se alternou a pergunta: “Em qual caixa fulano irá procurar, primeiramente, o objeto?”, houve uma expressiva alteração no resultado, o que deu a entender que a maneira como a pergunta foi formulada não estava adequada às crianças de 3 e 4 anos.

Wellman (2014, p. 208) conclui que, embora muitas e diferentes pesquisas tenham sido feitas a fim de demonstrar como os bebês compreendem a crença falsa, ainda há incertezas. É um estudo incompleto devido à categorização de faixa etárias e, também, à omissão de dados já pesquisados. É interessante salientar que a compreensão deste mecanismo de funcionamento do cérebro tem consequências na compreensão da relação social que cada indivíduo possui com a realidade. É fundamental ao desenvolvimento do bebê um ambiente sadio a fim de contribuir à predição de ações, como também, de interações sociais. Esse ambiente, de possibilidade de percepção de intenções e em ações baseadas numa riqueza de contatos com os outros, finalmente, favorecem nossas crenças, sejam elas falsas ou não.

Com a intenção de apresentar a relevância de duas visões diferentes sobre um período inescapável e fundamental da infância, chegamos ao final dessa seção. Em resumo, sobre o que foi apresentado até agora, constatou-se que boa parte do aprendizado sobre o mundo se dá por meio de predições de comportamento baseadas em intenções, inferências de desejos, que contribuirão significativamente às crenças pessoais, bem como, da constatação de um senso moral inato. Agimos de outras de formas na fase adulta, mas nem tanto. Nessa fase, conseguimos dissimular melhor nossos sentimentos e enganar não só aos outros como a nós mesmos. É um pouco mais difícil perceber os estados mentais dos outros, apenas pelo comportamento ou suas intenções, quando na vida adulta. Na velhice, todas as etapas se confundem, de aprendizado principalmente, e da percepção das outras mentes por parte dos mais idosos. Qual a importância de perceber esse delicado e rústico mecanismo de como as crianças adquirem conhecimento e sobrevivem, apesar de todas as dificuldades que surgem, é o assunto da próxima seção.

#### 4 | CONCEITO DE *INSIGHT* E DE TRAUMA

Bom, iniciei esse artigo definindo a psicologia popular, segui com duas análises distintas sobre a observação da mente de bebês que fazem uso do conceito de psicologia popular na questão de interpretação da leitura da mente dos bebês, bem como, na criação de alguns termos que definem estados psicológicos, como crença, desejo, intenção e senso moral. Quero finalizar esse artigo vinculando o estudo da mente nos bebês ao conceito de *insight* e trauma baseado em teorias da psicanálise. Antes de entrar nessa temática, abordemos o inconsciente e suas formas de atuação.

Certas tendências de comportamentos são perceptíveis para qualquer indivíduo, mesmo o mais leigo em teoria ou análise de comportamento vinculada à psicologia. Entretanto, podemos ir mais a fundo nessa análise a fim de verificar quais vínculos possíveis entre o período de aprendizado e o conhecimento da infância com a fase adulta. Não há como deixar de lado as teorias de Freud. Ele consolidou um conceito importante para a Psicanálise, que consiste na nossa incapacidade de guiar a nós mesmos, porque somos movidos por forças que não percebemos, as quais ele nominou de *Inconsciente*. Freud não foi o primeiro estudioso do assunto, mas, com certeza, após ele, o termo Inconsciente tornou-se o conceito que conhecemos (ROUDINESCO, 1997, p. 375). O inconsciente, a um olhar mais atento, como o de um psicanalista em um *setting* terapêutico, é percebido como estados mentais, porém, como ações. A fala, mas não somente, contribuem para o desvelamento do sujeito de crenças e ideias que o habitam. O psicanalista, por um esforço em não julgar o comportamento do analisando (contratransferência), tem o objetivo de, em conjunto, verificar como o analisando se situa no mundo.

A terapia tem início no olhar, no tom de voz, como ele se senta, como gesticula e outras características. Assim, dá-se o início de um padrão de comportamento daquele

sujeito exclusivamente. O fato de um sujeito coçar a cabeça quando tem dúvidas não quer dizer que o outro que coce a cabeça também tenha dúvidas. Podem ser tantas coisas, como apenas um cacoete de coçar a cabeça. Mas, quando ele coça a cabeça em determinada situação, pode a voz falhar, pode uma parte do corpo doer e ele não perceber esses outros indicadores num primeiro momento, mas que, aos poucos, são desvendados. Então, um *setting* analítico que emerge da relação entre o analista e o analisando é único, e não está dado, porque será construído em conjunto.

Quanto aos indicadores da existência e manifestação do inconsciente, existem alguns e o sonho é um deles. Por exemplo, quando uma determinada situação se repete, o psiquismo está solicitando um olhar mais atento do sujeito naquela situação. Algo que incomoda o sujeito e está transbordando. Se não for tratado, poderá ser direcionado para o corpo, como um cacoete, uma dor, uma doença. De forma pontual, para Freud, o sonho é a realização de desejos. “(...) eles não são destituídos de sentido, não são absurdos (...) Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade – realizações de desejos” (FREUD, 2006, p. 157). O sujeito, de alguma forma, realiza seus desejos ao sonhar, por meio da simbologia e das tramas que o sonho concede, criando um teatro de relações, nomes, locais e desejos que passam a ser realizados ou não. Por exemplo, no adulto, o psiquismo disfarça questões sexuais, como homossexualidade, ou desejos proibidos para aquele sujeito, como um assassinato ou um adultério, produzindo uma descarga da energia libidinal acumulada conforme o sonho se desenrola. Os sonhos das crianças são mais diretos. Se, durante o dia, quiseram um sorvete e não receberam, à noite, elas irão sonhar que estão comendo sorvete.

Num sentido literal e definido por Freud, *insight* é o ato de olhar para dentro e tornar consciente o inconsciente, “No *insight*, a nova conexão de significado serve justamente para apreender uma realidade à qual não se podia ter acesso até esse momento” (ETCHEGOYEN, 2004, p. 374). Uma das finalidades do processo de análise é a possibilidade de *insights* pelo próprio paciente. O *insight* só é considerado *insight* quando promove uma mudança de comportamento no sujeito. Não basta, portanto, um vislumbre de uma percepção de um problema, mas uma profunda reflexão acompanhada de afeto, que, possivelmente, fora construído ao longo das sessões. O *insight* é semelhante a uma teoria que merge no indivíduo, provocando uma nova percepção de sua realidade. Como toda teoria científica, a teoria anterior do sujeito é colocada à prova e refutada. O próximo passo é superar a crença antiga pela nova que se consolidará no psiquismo com o apoio da linguagem. O *insight*, em psicanálise, é um conhecimento de si mesmo que se descortina,

Podemos considerar o processo analítico nos mesmos termos e afirmar que, basicamente, consiste em que analista e paciente investiguem as teorias que o paciente tem de si mesmo e vão contrastando-as. Quando essas teorias são terminantemente refutadas, o analisando em geral as troca por outras, mais adaptadas à realidade. (...) Por “teorias”, entendo aqui todas as explicações

que alguém tem de si mesmo, de sua família e da sociedade; as explicações com que cada um de nós dá conta de sua conduta ou de seus transtornos e também, é claro, as teorias que temos sobre nossa história pessoal (...)" (ETCHEGOYEN, 2004, p. 384. grifo do autor)

Qual a relação do *insight* com a teoria da mente dos bebês? Bom, o processo de conhecimento do *insight* tem um caminho de assimilação que consiste no afeto e na racionalidade, não necessariamente nessa ordem, a qual não é concorrente. Assim como nos bebês, um momento ímpar em que a linguagem não existe; é como se apenas o corpo dialogasse com o desconhecido, mas não há como o nominar, porque não se tem uma compreensão racional do que esteja acontecendo no momento em que se dá. Todavia, é um procedimento psíquico que temos naturalmente, como a intenção, o desejo e a predição, apontados por Wellman nos bebês. Diferentemente dos bebês, a linguagem na fase adulta já existente será acionada. Entretanto, não se estabelece o *insight* apenas racionalmente para a psicanálise. Há uma dependência da linguagem, porque ela que irá nomear o novo conteúdo, mas só será possível a partir da comunhão com o afeto. Quando o conhecimento adquirido torna-se uma nova teoria, ele já perdeu o vínculo afetivo e deixou de ser um *insight*. Certamente, o processo do *insight* não é exclusivo da psicanálise, ou de seus estudos, mas, sim, dos seres humanos. O que o *setting* analítico proporciona é recordar esta capacidade de conhecimento de si mesmo num local que facilite essa operação. O *insight*, arrisco essa inferência, é um retorno ao conhecimento rústico e delicado, como o da experiência de conhecimento dos bebês.

Outras análises podem ser feitas da clínica psicanalítica com o estudo de bebês, nessa perspectiva de uma capacidade de perceber algo que será feito (intenção), derivando uma expectativa de fatos (desejo), com a qual nos vinculamos ou queremos distanciamento (crença). Outro funcionamento internalizado e constatado nos adultos é o de que, em determinadas situações, algo rouba nossa atenção e não sabemos exatamente o porquê, e, nos bebês, não sabemos a consequência. O exemplo dado nesse artigo foi o do homem que vai em direção ao fogo. Não sabemos o que se passa na mente do bebê, mas percebe-se a criação de um conteúdo subjetivo.

O conceito de *trauma* se aproxima muito desta disponibilidade psíquica que temos em entrar em situações as quais nos tornamos reféns de algo, porém não sabemos exatamente o que é. "Por outro lado, o trauma que se torna desestruturante nos leva a concluir que o evento traumático não pode ser metabolizado pelo aparelho psíquico; foi incapaz de ser integrado. Ultrapassa certos limites e tem consequências dramáticas para o sujeito." (PINHEIRO, 2016, p. 116). No trauma, o sujeito se vê desorganizado, sensível, submisso a um outro, desqualificado e imobilizado em sua tomada de decisões, causando uma desestruturação momentânea ou permanente, quando a longo prazo.

O trauma é caracterizado por uma situação na qual acontece algo muito diferente do que era esperado pelo indivíduo, algo que acontece de forma abrupta. É algo

incompreensível, porque a espera sobre determinado evento foi oposta ao acontecido,

A compreensão nada mais é que a bagagem que temos dos elementos, daquilo que podemos prever e imaginar: a gama de situações que podemos "prever". Uma situação que perturba essa ideia põe em xeque as representações anteriores. Mais do que isso, o eu tem por função representar antecipadamente tudo o que for possível fazê-lo de maneira a prevenir-se da surpresa e garantir, assim, a noção de unidade narcísica. (PINHEIRO, 2016, p. 139)

Traumas de infância são mais comuns do que se imagina, motivados por uma relação de expectativa de funcionamento do adulto para com a criança. O adulto tem um papel de orientação, de acolhimento, de escuta, o que se tornará, posteriormente, um modelo de comportamento que a criança irá introjectar. Um modelo de comportamento que começa a fazer parte da unidade narcísica citada. O adulto tem uma função primordial de filtrar as experiências externas para a criança. É necessário acreditar na criança para que ela represente aquilo que aconteceu. Não fazendo esta função, a de acreditar na criança, o adulto impede a representação desta situação, não efetivando a possibilidade de introjeção à criança. É o adulto que irá simbolizar o acontecimento. Ele que dá a condição necessária e, diria, suficiente, colocando em palavras a representação simbólica necessária ao psiquismo da criança para que ela tenha um desenvolvimento sadio.

O trauma ocorre quando há um descrédito nos próprios sentidos da criança, porque lhe foi tirada a certeza das próprias percepções, resultando em sua incapacidade de não conseguir elaborar a situação pela linguagem. Forma-se um vácuo no psiquismo da criança, uma sensação estranha com a qual ela se deparou, e não tem nome. Para piorar, não houve apoio de um adulto que tenha dado um significado para compreender o que aconteceu.

Semelhante aos bebês que buscavam pelo olhar as ações do adulto, prevendo situações e intenções, a situação agora da infância é muito semelhante, com a diferença de que agora pode ser explicado, nomeado pelo adulto. As crianças não estão mais sozinhas, prevendo e fazendo interpretações dos outros. Contudo, algumas ficam completamente sozinhas quando o trauma se estabelece, ocasionando, muitas vezes, patologias que farão de tudo para fugir desta sensação estranha e desconhecida que ficou no vácuo, sem nome. O trauma na vida adulta não é muito diferente do período da infância. Esse é um ponto fundamental, o de que este mecanismo de funcionamento frente a situações traumáticas será ativado tanto para doença como para cura. Serão tratadas da mesma forma, com a necessidade da escuta, do acolhimento e da nomeação pela linguagem o fato eu deu origem ao trauma.

Semelhante aos bebês, tanto no *insight* como no trauma, eles ocorrem em um lugar do psiquismo em que a linguagem ainda não teve acesso, o que torna difícil o detectar e o transformar em uma nova elaboração, com a qual o sujeito passa a conviver e a cura surja.



Entendendo como cura o sentido de aprender a como lidar com a situação traumatizante. As experiências em laboratórios com os bebês apontam para um funcionamento rústico do psiquismo que se prepara para lidar com situações em que não há a linguagem, mas há algo a ser desvendado. É um salto no vazio, que, de forma empírica e com afetos, compreende o mundo que irá se consolidar pela linguagem. Os traumas deixam marcas significativas em nosso psiquismo. Já os *insights* são raros momentos em que podemos, na vida adulta, recuar até o momento da infância, na qual algumas crenças foram estabelecidas e marcadas emocionalmente, e reelaborar nossa própria história.

## 5 | CONCLUSÃO

Concluo, nessa pesquisa sobre teoria da mente na fase infantil, que, desde bebês, algumas faculdades estão em pleno desenvolvimento, mas carregam em si um funcionamento primário e rudimentar que, com o passar dos anos, irá se aperfeiçoando. Constatação já feita por diversas áreas de estudo da mente, bem como, pela psicanálise, em especial, por Melaine Klein. Talvez uma pequena e sensível diferença, neste momento, é a da constatação do fenômeno em laboratório, que implicam testes repetitivos, relatórios e pacientes de diferentes perfis.

Sobre os estudos apresentados da infância pelas diferentes abordagens de Wellman e Bloom, percebe-se que alguns comportamentos podem ser entendidos como inatos porque são observados em repetição em outros bebês. Entretanto, também poderíamos deduzir que é uma tentativa de enquadrar o comportamento dos bebês ao comportamento dos adultos, como supor o reconhecimento de predições; de interpretar as intenções; de entender sobre os desejos; sobre caracterizar crença como falsa ou verdadeira, enfim de adaptar a uma linguagem que tenta enquadrar o comportamento infantil dentro de comportamento dos adultos. Podemos ver isso em Bloom, que observa aspectos de moralidade, enquanto Wellman observa a possibilidade das crianças perceberem intenções. Possivelmente, outros pesquisadores descubram relações ainda não percebidas, como tipos de inteligência, sensibilidade em desenvolvimento por outros sentidos como tato, olfato, etc., enfim, percepções humanas em bebês que, infelizmente, ainda não permitem uma análise mais sofisticada devido à complexidade de análise do objeto bebê em um laboratório de pesquisas.

O aperfeiçoamento do inicial e rústico funcionamento de nosso psiquismo tem benefícios na vida em sociedade, concretizando uma percepção uníssona em várias ciências do comportamento de que é fundamental ao desenvolvimento de cada indivíduo uma pluralidade de relações sociais afetivas. Benefícios aqui entendidos de forma mais abrangente, no sentido de positivo e negativo para o desenvolvimento de virtudes e de comportamentos sociais. A cadeia de percepção que reflete em como adquirimos o conhecimento, certamente, tem origem na qualidade desse período da infância, de tal sorte

que sempre será uma experiência do indivíduo, portanto, uma singularidade humana.

A epistemologia a partir de todas as teorias que hoje tentam argumentar e justificar como adquirimos conhecimento, se empírico, se pela linguagem, se por aquilo que é necessário e suficiente, se por alguém que tenha mais conhecimento, enfim passa por esse período da infância. Pelos estudos sobre a teoria da mente, percebe-se que as interpretações acerca deste período da vida humana, de um lado, apresentam resultados promissores do entendimento precoce de como nos relacionamos com o mundo. A tentativa de achar uma teoria que explique todas as formas de conhecimento possíveis talvez seja um grande equívoco. Pelo contrário, temos constatado, por diferentes estudos científicos, que há maneiras diversas de adquirir o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, S. A ciência cognitiva e o problema da *folk psychology*. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 45-53, abr. 2001. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2001000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2001000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 09 de jul. 2020.

BLOOM, P. O que nos faz bons ou maus. Trad. Eduardo Richie. Rio de Janeiro, Best Seller, 2014.

FREUD, S. O sonho é a realização de um desejo. In: FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (I) (1900). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 157–167

JOU, I, SPERB, M. Teoria da Mente: diferentes abordagens. Psicol. Reflexo. Crit. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 287-306, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721999000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

LEWIS, D. "How to Define Theoretical Terms." *The Journal of Philosophy*, vol. 67, no. 13, 1970, pp. 427–446. JSTOR, Disponível em: [www.jstor.org/stable/2023861](http://www.jstor.org/stable/2023861). Acesso em 18 Jul 2020.

PINHEIRO, T. Ferenczi. Col. Clínica Psicanalítica. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2016, p. 115-161.

RAVENSCROFT, IAN, *Folk Psychology as a Theory*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy 16, ago, 2016. Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2019/entries/folkpsych-theory/>. Acesso em: 12 de dez, 2020.

ROUDINESCO, E. PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Trad. de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

WELLMAN, H. Making Minds – How Theory of Minds Develops. New York, Oxford University Press, 2014.

WIMMER, H., & PERNER, J. (1983). *Beliefs about beliefs*: Representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception. *Cognition*, 13 (1), 103–128. [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(83\)90004-5](https://doi.org/10.1016/0010-0277(83)90004-5).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação 5, 10, 12, 29, 33, 40, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 88, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 123, 125, 126, 128, 137, 139, 140

Agnosticismo 19

Arte Poética 25

### C

Capitalismo Moderno 38, 39, 43, 44, 45, 46

Confúcio 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

### E

Epistemicídio 82, 92

Ética Profissional 1, 13, 147

Exercício Espiritual 5, 6, 48, 49, 50, 51, 52, 54

### F

Filosofia 2, 5, 6, 7, 2, 3, 5, 6, 9, 13, 16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 63, 71, 82, 83, 84, 89, 90, 92, 93, 109, 114, 130, 131, 133, 135, 150, 161, 162

Filosofia Africana 82, 83, 84

### H

Humanidades 5, 7, 93, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

### I

Informação 33, 55, 59, 60, 61, 139

### L

Leitura da mente 134, 136, 137, 139, 141

### N

Naturopatia 6, 1, 3, 10, 11, 12, 13, 14

Nihilismo 7, 19, 21, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

### P

Panóptico 6, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Perfuração de lóbulos 147

Política 7, 9, 39, 40, 47, 77, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 127, 155

Psicanálise 133, 134, 141, 142, 143, 145, 146, 149

## **R**

Racionalidade 16, 20, 38, 39, 40, 44, 46, 57, 58, 123, 124, 131, 143

Razoabilidade 5, 6, 15, 16

Responsabilidade 7, 9, 57, 104, 105, 107, 113, 127, 149

Ressurreição dos mortos 6, 15, 16, 22

## **S**

Sentido de vida 63, 71, 80

Sufrimento 6, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 30, 33, 34, 36, 88

## **V**

Vigilância 55, 56, 57, 58, 60, 61

Vontade de Poder 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

# REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 